

Gestão do Conhecimento e Internacionalização do Ensino: Um Estudo de Caso no Curso de Administração Industrial

Delana Galdino do Oliveira
Elizabeth Freitas Rodrigues
Priscilla Lopes de Albuquerque
Waleska Barbosa Chaves

RESUMO: O presente texto tem por objetivo apresentar a experiência obtida pelo curso de Administração Industrial do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ através da cooperação internacional com instituições estrangeiras. Por meio do estudo realizado, foi possível evidenciar que, anteriormente à efetivação do processo de intercâmbio, algumas etapas podem ser otimizadas pelo aluno, no que tange à documentação e respostas a dúvidas frequentes. Nesse intuito, o projeto elaborou um manual de orientação, assim como um fluxograma, transformando o conhecimento tácito daqueles que já participaram do intercâmbio em anos anteriores em conhecimento explícito. Desse modo, fornece informações necessárias aos alunos que vierem a participar do intercâmbio internacional do curso de Administração Industrial.

Palavras-chave: Internacionalização do Ensino; Gestão do Conhecimento; Cooperação Internacional.

ABSTRACT: This project aims to present the experience gained by way of Industrial Administration of CEFET/RJ through international cooperation with foreign institutions. Through this project is possible to show that, before go to exchange, some steps can be streamlined with the student in regard to documentation and answers to frequent questions. At last, the project prepares a manual of guidance and a flowchart, transforming the tacit knowledge of those who have participated in the exchange in previous years in explicit knowledge. Thus, providing information to students of Industrial Administration that will participate in international exchange.

Keywords: Internationalization of Education; Knowledge Management; International Cooperation.

INTRODUÇÃO

A globalização trouxe a quebra de barreiras na educação através dos meios de comunicação e de produção. Isto impactou diretamente o sistema acadêmico, pois ele teve que se adaptar à nova realidade. A internacionalização do ensino é uma forma de cooperação entre as nações para que haja a troca de conhecimento.

Diante desses progressos, é inserido o conceito de gestão do conhecimento, que tem como objetivo a criação, o registro e a disseminação do conhecimento. Senge (1999) afirma que existem cinco disciplinas que guiam esse tipo de gestão: domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada, aprendizagem em equipe e pensamento sistêmico.

Neste cenário, observou-se a necessidade de fazer um levantamento sobre a internacionali-

zação do ensino presente no CEFET/RJ, o qual participa do programa de Cooperação Internacional CAPES/FIPSE.

A pesquisa tem como objetivo desenvolver uma referência para esclarecer os procedimentos adotados pelos alunos participantes do programa de intercâmbio do CEFET/RJ, a fim de agilizar o processo entre os estudantes e as instituições – nacionais e estrangeiras. O segundo objetivo é apresentar as experiências desenvolvidas através desse programa para que, da melhor forma possível, possa transmitir o conhecimento para todos os envolvidos e aprimorar o programa como um todo.

Para a realização do projeto utilizou-se uma pesquisa bibliográfica e fez-se uso da pesquisa de campo. Quanto aos fins, a pesquisa foi aplicada,

ou seja, através dos dados obtidos com as entrevistas é elaborada uma proposta para solução dos problemas identificados.

Assim, o projeto ganha a responsabilidade de esclarecer questões relacionadas à globalização e o que esse processo modifica na esfera educacional, bem como evidenciar as ações que têm sido realizadas para que ocorra uma cooperação internacional com enfoque em assuntos internacionais, interculturais e interdisciplinares.

INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Atualmente, o tema internacionalização do ensino superior tem feito parte de discussões e debates no Brasil e no mundo. Isto porque se constatou que não existem barreiras para gerar o conhecimento, pois, com os avanços obtidos na área educacional e tecnológica, é possível promover diversas transformações que mudam a humanidade em todos os aspectos.

Entre as definições mais aceitas sobre internacionalização do ensino superior, a de Knight e de Wit (1997) toma primeiro lugar neste trabalho: trata-se de um processo de ingresso de uma dimensão internacional ou intercultural em todos os aspectos da educação e da pesquisa.

Breton (2003) acredita que o processo de internacionalização não é mais uma resposta adequada ou apropriada frente ao aumento da sociedade do conhecimento global. Na realidade, o ensino superior necessita ser mais globalizado.

Para Bartell (2003), a internacionalização refere-se a trocas internacionais relacionadas à educação e à globalização como uma avançada etapa nesse processo. O autor aponta, ainda, diversas maneiras de internacionalizar, entre as quais se destacam: presença de estrangeiros e estudantes-convênio num determinado campus, número e magnitude de concessões de pesquisas internacionais, projetos de pesquisa internacionais cooperativados, associações internacionais, entre outras.

A partir de 1990, os movimentos econômicos e sociopolíticos gerados através da globalização obrigaram as instituições de ensino superior a rever seus métodos de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, para o melhor entendimento da internacionalização do ensino pode-se destacar a globalização. A globalização ou mundialização, para muitos estudiosos, é um processo ainda em andamento com a finalidade de integrar os mercados e a economia.

Além disso, pode ser determinada pela abertura das fronteiras. Com o advento da mesma é possível perceber diversos benefícios para a sociedade de uma maneira geral, como o conhecimento obtido através de inúmeros avanços tecnológicos e científicos com uma velocidade jamais vista. Como decorrência desses progressos houve a inserção do conceito de gestão do conhecimento em todo o mundo.

Dessa forma, diversas transformações foram observadas no âmbito social, político e econômico. Mudanças também ocorreram no ensino superior, principalmente com a inserção de novas tecnologias na produção do conhecimento.

A globalização tem o poder de influenciar todas as atividades, até mesmo no âmbito da educação superior, fortalecendo as áreas no ambiente competitivo. Recentemente, muito tem se debatido sobre o tema internacionalização do ensino juntamente com os efeitos da globalização na educação.

A internacionalização da educação superior ocorre com maior destaque por ser intercultural e também pela percepção internacional na experiência proporcionada aos estudantes no ambiente de sala de aula ou no laboratório. Dessa forma, os estudantes sentem a necessidade de implantar espaços dentro das universidades que funcionem como um parâmetro internacional.

O intercâmbio mútuo de universitários e o desenvolvimento de programas de graduação dupla são importantes para originar a cooperação e parceria entre as instituições. Com isso, as trocas de informações ficam mais velozes e as inovações chegam mais rapidamente aos países. Desse modo, muitas pessoas vão desfrutar de novas tecnologias e conhecimentos científicos.

Com a "Era da Informação", cada vez mais as instituições apreciam o capital intelectual, visto que a globalização e internacionalização trazem diversas tecnologias e novos conhecimentos. Por isso, diante de tantas transformações geradas com esses processos, é necessário criar mecanismos que possam promover o aperfeiçoamento do intercâmbio e da cooperação internacional como ferramentas para o aprimoramento do ensino-aprendizagem e das pesquisas.

Para Laus e Morosini (2006, p.148), a abertura para a internacionalização é chave para fortalecer a educação em nível nacional, institucional, individual e profissional. As políticas públicas e institucionais promovem a internacionalização diversificando e fortalecendo a base tecnológica e científica de desenvolvimento sustentável, enquanto se preservam interesses nacionais e incentivos para implementar redes até a excelência na investigação tecnológica e científica.

De uma maneira geral, as universidades possuem um papel bastante relevante na disseminação e produção do conhecimento. Por muitos anos, as mesmas funcionaram de modo autônomo, resguardadas de influências políticas e, ainda, possuíam um elevado nível de independência em relação às influências exercidas na esfera internacional. Porém, na atual conjuntura com a inserção da globalização esse cenário tem sido alterado cada vez mais.

Com desenvolvimento de tecnologias para comunicação e transporte foi possível gerar uma intensa ligação entre os países, através do estreitamento de suas relações em diversos planos, como o econômico e o político.

Assim, o conhecimento obtido ganha uma importância maior pelo cenário econômico. O mercado de trabalho está mais competitivo, exigindo pessoas cada vez mais qualificadas, com conhecimento em outros idiomas e com uma maior interação às outras culturas existentes no mundo.

Desse modo, o profissional precisa buscar novos conhecimentos e experiências, a fim de desenvolver suas habilidades e competências para conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho mundial.

GESTÃO DO CONHECIMENTO

Para entender sobre a gestão do conhecimento, é necessário antes definir o significado de dado, informação e conhecimento, pois essas definições são importantes para saber a diferença entre elas e suas aplicações para a "Gestão do Conhecimento e Internacionalização do Ensino Superior".

Um dado é um símbolo que sozinho, fora de um contexto, não demonstra significado. Quando ele está relacionado a uma ou mais variáveis, torna-se uma informação. Por exemplo, um banco de dados é um meio para juntar os dados a fim de que futuramente sejam combinados e processados para que sejam transformados em informações.

O conhecimento é algo que está contido na pessoa que o adquiriu através de estudos, vivências, exemplos práticos, entre outros. Há uma grande diferença entre o conhecimento e os demais conceitos citados anteriormente: o primeiro é algo intangível, e tanto o dado como a informação são tangíveis; além disso, sua transmissão é mais rápida.

A gestão do conhecimento trata da troca de conhecimento que resulta em um crescimento intelectual de determinado grupo. A gestão do

conhecimento significa a obtenção, distribuição e utilização do conhecimento (Contador, 2004, p.111).

Senge (1999) afirma que há cinco disciplinas que orientam a gestão do conhecimento: domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada, aprendizagem em equipe e pensamento sistêmico. Esta última, por sua vez, é a considerada a mais importante pelo autor, porque ela integra as quatro primeiras. Cada uma dessas disciplinas representa um conjunto de técnicas que devem ser estudadas e colocadas em prática.

A primeira caracteriza-se por concentrar-se e comprometer-se com o aprendizado e com os seus resultados. O domínio pessoal consiste na análise de esclarecer continuamente o que é importante para atingir o objetivo final e aprender a ter percepção mais clara sobre a realidade do momento. O domínio pessoal refere-se a saber lidar com a impotência, que significa a incapacidade de realizar o que se deseja, e o desmerecimento, que é a idéia de que a pessoa não merece o que realmente deseja.

A tensão criativa que impulsiona o domínio pessoal é uma força que une o objetivo (o que se deseja) com a realidade atual (onde se está em relação ao que se deseja). Porém, ela pode gerar sentimentos como desânimo, tristeza e preocupação, e esses sentimentos não são tensão criativa, mas tensão emocional. Esta, por sua vez, pode ser aliviada através da manutenção do foco no objetivo, gerando motivação para ser alcançado, apesar das dificuldades.

Conforme Senge (1999) afirma, pessoas com tensão criativa caracterizam-se por serem indivíduos que têm sentido de vida além dos objetivos a curto prazo. Para elas, a realidade é um aliado, e não um inimigo; em vez de resistirem a mudanças, consideram-nas uma força impulsionadora para melhorar a realidade. Por fim, essas pessoas têm um convívio bom com o próximo e com a sua própria vida.

O domínio pessoal aplicado à internacionalização do ensino ocorre quando pessoa, grupo ou instituição são estimulados a ter desempenho melhor possível em seus objetivos, de forma criativa e com segurança. O domínio pessoal não é algo que se possa impor, já que é uma opção de cada um adotar tal disciplina ou não. Por isso, as instituições e organizações relacionadas ao intercâmbio e à educação devem criar um ambiente favorável, a fim de que todos os envolvidos no processo possam aplicar os princípios do domínio pessoal. Consequentemente, isso contribui para atingir bons resultados.

Os modelos mentais são idéias profundas, generalizações ou imagens que influenciam a visão do mundo e as atitudes a serem tomadas.

As pessoas, mesmo inconscientemente, são influenciadas pelos modelos mentais, que são expressos através de seus comportamentos. Até na visão que um indivíduo tem sobre um ambiente, outra pessoa ou grupo, como o preconceito, a aceitação ou não, que surgem do interior do ser, arraigados aos modelos mentais.

Esta disciplina relacionada à internacionalização de ensino tem como objetivo promover a diversidade de opiniões ao invés de consenso e buscar o desenvolvimento de melhores modelos mentais a nível educacional.

A terceira disciplina, a visão compartilhada, é um sentido de intenção que proporciona energia e focalização para determinada aprendizagem (Pierce e Newstrom, 2002, p.275).

É necessário que todas as pessoas envolvidas na educação mediante intercâmbio tenham um objetivo comum. Este objetivo é vital para proporcionar energia para o aprendizado. Conforme Senge (1999) afirma, os objetivos comuns nascem dos objetivos pessoais, porém há a possibilidade de encorajar os indivíduos a terem em seus objetivos pessoais algum objetivo comum, a fim de gerar sinergia com o grupo envolvido.

A visão compartilhada é um sentimento de coletividade no qual é imprescindível ter comprometimento com o grupo e consigo mesmo, para atingir o objetivo final. Senge (1999) analisa que existem várias atitudes em relação ao objetivo, tais como: comprometimento, participação, obediência genuína, obediência formal, obediência relutante, desobediência e a apatia.

Esta disciplina é importante na educação porque, apesar de os grupos educacionais terem origens diferentes, eles devem ter objetivos em comum.

A aprendizagem em equipe é outra disciplina que se traduz em um processo de desenvolvimento da capacidade de uma equipe criar resultados que seus membros verdadeiramente desejam. O aprendizado em grupo se desenvolve a partir do objetivo comum e do domínio pessoal.

Senge (1999) sugere que deve haver diálogo e discussões construtivas onde há um tema apresentado e logo em seguida o grupo analisa as diferentes visões existentes para que possa tomar a melhor decisão, ou criar outro cenário.

O aprendizado em equipe requer também a prática do diálogo e da discussão, ambos imprescindíveis para o desenvolvimento em conjunto. A discussão tem início com um assunto de interesse comum a ser analisado em diferentes pontos de vista e cada um defende o seu a fim de “vencer”, ou seja, sua idéia ser

aceita pelo grupo. Entretanto, essa idéia nem sempre é compatível com a coerência e a verdade. A partir desse momento, é preciso haver diálogo. Para que isto exista entre o grupo, é necessário ter respeito mútuo e todos os envolvidos participarem através de suposições, a fim de chegar a um resultado comum.

Equilíbrio entre o diálogo e a discussão é o ponto crucial nesta disciplina. Pois, na discussão, as idéias são apresentadas, defendidas e geralmente são tomadas as decisões. No diálogo, idéias diferentes são apresentadas a fim de que se crie uma nova.

Na área educacional, também é preciso haver discussões e diálogos, pois existem diferentes visões em cada grupo de estudo e, a fim de que haja o desenvolvimento, é necessário trocar informação.

Por fim, o pensamento ou raciocínio sistêmico é a capacidade de interligar as ações e ter uma visão ampla de uma situação, percebendo os acontecimentos anteriores, relacionando com o presente e conseguindo projetar algo para o futuro.

Senge (1999) afirma que a realidade é feita em círculos e não de modo linear. O raciocínio sistêmico tem como objetivo desfragmentar a realidade e fazer com que a pessoa sinta-se um ser ativo e com poder de modificá-la. Isto significa também que todos são responsáveis por erros gerados no sistema, projeto ou algo que este esteja envolvido, pois não há um único culpado e todos devem buscar alternativas para que o problema seja solucionado.

Para que esta última disciplina seja realizada, é necessário integrá-la com as outras quatro disciplinas. Ou seja, é uma disciplina que funde a teoria com a prática. Isto evita que o raciocínio pessoal, os modelos mentais, a visão compartilhada e a aprendizagem em equipe sejam aplicados separadamente.

Na área educacional, o raciocínio sistêmico consiste em demonstrar para os indivíduos que eles são parte integrante do mundo e não devem considerar os problemas como sendo causados por alguém ou alguma coisa “lá fora”, mas sim pelos próprios atos.

Por fim, o levantamento das definições sobre dado, informação e conhecimento permite que a pesquisa tenha como base esses conceitos iniciais para, então, aprofundar e chegar à análise das cinco disciplinas instituídas por Senge (1999).

Ao fazer a analogia entre tais disciplinas e sua aplicação na educação no âmbito internacional, é mostrado como os estudos de Senge (1999) podem contribuir para o desenvolvimento da educação através da inter-relação entre diferentes países. A gestão do conhecimento contribui de forma a criar novos conhecimentos e transmiti-los para diferentes regiões e para

grupo com diferentes visões, contribuindo para o desenvolvimento de um projeto.

APRENDENDO COM A EXPERIÊNCIA DO CEFET/RJ

As atividades de intercâmbio no curso de Administração Industrial do CEFET/RJ tiveram início em 2005, através do programa de cooperação internacional CAPES/FIPSE¹, no qual é feita uma parceria com duas universidades de diferentes estados do Brasil e duas universidades dos Estados Unidos.

No CEFET/RJ, o intercâmbio é realizado através da Divisão de Cooperação Científica e Tecnológica – DCCIT, que coordena as atividades de cooperação internacional. Essa divisão está diretamente ligada à Direção-Geral da instituição.

O foco principal da DCCIT é expandir as atividades relacionadas à cooperação internacional. Seu objetivo é identificar as demandas e as ofertas relativas ao ensino, pesquisa e extensão, tanto nacionais como internacionais.

Entre as funções da divisão, pode-se destacar a disponibilização de informações relacionadas aos programas de intercâmbio de professores e alunos. E, ainda, a de realização de toda a parte operacional que antecede os convênios e de eventos que possam gerar parcerias acadêmicas que satisfaçam os princípios e valores da instituição. Além disso, é também responsável por todas as atividades para o encaminhamento de processos de afastamento do país de servidores do CEFET/RJ, para missões, participação em congressos e similares, ou para cursos de pós-graduação.

Com a parceria viabilizada pelo programa CAPES/FIPSE, foi possível obter uma experiência relevante para o aprimoramento do ensino e do intercâmbio. O programa, que no ano de 2009 completou cinco anos de parceria, permitiu conhecer e interagir em um projeto entre as nações, ou seja, atuar para a internacionalização do ensino e para a gestão do conhecimento.

Para o coordenador do programa, o intercâmbio contribui para a internacionalização do ensino por meio da aproximação de estudantes e professores com a realidade norte-americana, em convívio intenso. Os estudantes brasileiros ficam nos Estados Unidos durante quatro meses, e os professores do CEFET/RJ têm a oportunidade de visitar e realizar alguma atividade acadêmica com os estudantes do intercâmbio e da universidade conveniada. Ainda de acordo com o

coordenador, o programa envolve muita responsabilidade, inclusive financeira, além de exigir o empenho de todos para que o projeto aconteça da melhor maneira possível. Segundo ele, esse projeto foi bem-sucedido devido ao suporte técnico e à iniciativa da DCCIT e da coordenação do Departamento de Administração Industrial – DEPEA, ambos do CEFET/RJ.

Com essa experiência identificaram-se algumas características e competências-chave para a execução do programa. Entre elas: pró-atividade, foco em resultado, comunicação e trabalho em equipe.

Com o projeto de internacionalização do ensino é possível fazer a gestão do conhecimento no CEFET/RJ a partir do desenvolvimento de competências. Outro elemento importante para a gestão do conhecimento é a busca por melhores práticas de gestão e ensino da Administração, conforme cita o coordenador do programa.

RESULTADO DA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DO INTERCÂMBIO

Com o objetivo de facilitar e promover uma intensa disseminação do programa de intercâmbio oferecido pelo CEFET/RJ e para melhor entender os processos, foi realizada entrevista com as pessoas que dele efetivamente participaram nos diferentes anos. De acordo com essa pesquisa, foi possível identificar a percepção dos estudantes em relação ao programa, assim como verificar as principais dificuldades, tanto na etapa dos preparativos para a viagem quanto no período de estada na instituição estrangeira, e coligar o ensino entre as duas instituições.

O número de alunos do CEFET/RJ que participaram do programa no Voorhees College foi o seguinte:

- em 2005, quatro estudantes;
- em 2006, dois estudantes;
- em 2007, dois estudantes;
- em 2008, quatro estudantes;
- em 2009, não houve participantes até setembro do ano mencionado.

Em contrapartida, este foi o quantitativo de alunos do Voorhees College recebido no CEFET/RJ:

- em 2005, dois estudantes;
- em 2006, três estudantes;
- em 2007 e 2008, não houve participantes; e
- em 2009, seis estudantes.

Para a pesquisa conseguiu-se contatar onze dos doze alunos que foram do CEFET/RJ para o Voorhees College (a maioria, então, ex-alunos). Desse grupo, sete a ela responderam. Dos que responderam, um participou da primeira edição do programa, um da segunda edição, dois da terceira, e três da quarta.

A pesquisa continha questões sobre as principais diferenças entre as instituições de ensino, os pontos positivos e negativos, bem como as oportunidades de melhoria no programa percebidas pelos mesmos.

À primeira pergunta do primeiro questionário – *O que você achou da experiência do intercâmbio?* – dentre os que responderam, 71,43% consideraram a experiência ótima e 28,7% consideraram boa. (Gráfico1)

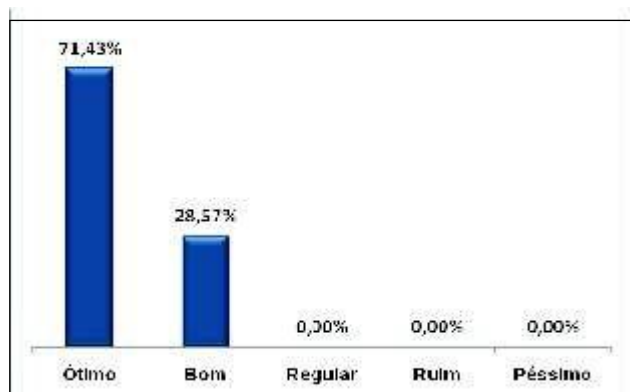


Gráfico 1
Opinião dos estudantes com relação à experiência de intercâmbio

Diante dos resultados, foi possível constatar que a visão geral dos participantes em relação ao programa é boa, e isso se confirma quando questionados sobre nova oportunidade de participação: 100% dos entrevistados responderam que gostariam de ter uma nova chance.

Quando questionados com relação ao programa de intercâmbio ter contribuído para a vida profissional ou em processos seletivos, todos responderam positivamente. Assim, foi possível verificar que o programa não contribuiu somente com a vida acadêmica, mas com a vida profissional também.

Com o objetivo de comparar o ensino das duas instituições, os participantes foram solicitados a fazer a avaliação, com opções de ótimo a péssimo.

Em relação ao ensino na instituição estrangeira, 57,14% avaliaram como bom e 42,86% consideraram regular. (Gráfico 2)

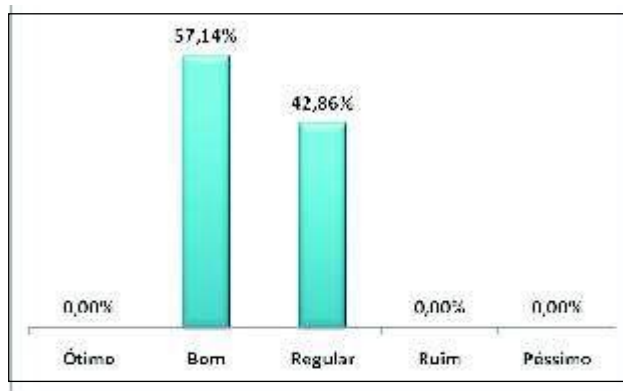


Gráfico 2
Avaliação do ensino na instituição estrangeira

Ao serem solicitados para avaliar o ensino no CEFET/RJ, 57,14% consideraram ótimo, enquanto 42,86% consideraram bom.

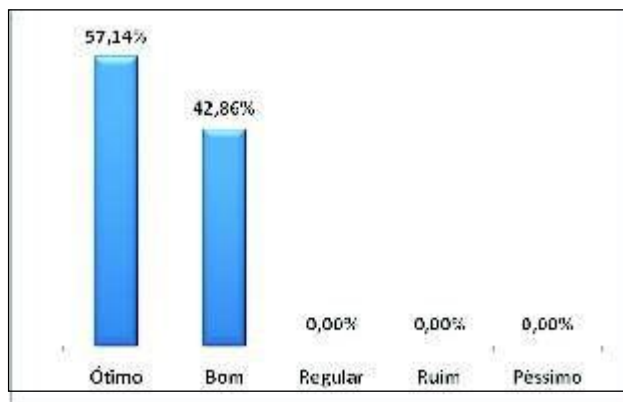


Gráfico 3
Avaliação do ensino no CEFET/RJ

Além disso, os entrevistados puderam mencionar as principais diferenças entre as instituições de ensino, podendo-se destacar alojamento, incentivos para atividades extracurriculares e estágio acadêmico.

O Voorhees College tem um alojamento bem estruturado, com móveis e capacidade para todos os estudantes matriculados no período letivo. Os incentivos para atividades extracurriculares são frequentes. Eventos relacionados a música, dança, cultura são constantes e valorizados. Na parte esportiva, eles oferecem bolsa de estudos para os atletas que se destacam e todos os acessórios necessários para os treinos e para os jogos, tais como tênis, uniforme, tornozeleira, mochilas, entre outros.

No CEFET/RJ os alunos fazem estágio durante o curso, tendo de conciliar as atividades e tarefas acadêmicas com as atividades de estágio, o que gera

uma redução no tempo dedicado às atividades do curso. Já no Voorhees essa dedicação é integral, devido a não ficar perto de grandes centros urbanos.

A visão é de que é bem diferente a vida acadêmica dos dois países.

Outro questionamento foi em relação a possíveis mudanças no programa. Os participantes consideraram que, em situação de empate, deveria ser dada prioridade para pessoas que não tiveram oportunidade de uma experiência no exterior.

Um ponto também abordado foi a falta de informação da realidade da instituição de destino: vida no campus, o local, a vida acadêmica, entre outros. Foi citado que se essas informações tivessem sido recebidas, o choque cultural seria menor e o comprometimento com o programa seria maior.

A documentação foi considerada uma oportunidade de melhoria. Os documentos necessários, a forma de preenchimento de cada formulário e a responsabilidade de emissão dos mesmos foi citada como uma dificuldade.

Entre as respostas relacionadas às etapas que antecedem a viagem, foi citado que as taxas que devem ser pagas e o local de pagamento das mesmas não fica claro, o que ocasionou apreensão.

Por fim, foi questionado o que poderia ser melhorado no programa. Entre os itens mencionados destacam-se a falta de um orientador no Voorhees e uma maior organização na documentação dos procedimentos.

A presença de um responsável na instituição estrangeira para acompanhar todas as etapas do programa ajudaria na orientação aos participantes do intercâmbio. Os alunos sentiram falta também de um arquivo organizado para saber as etapas que devem ser realizadas. Um guia com referência a documentos, taxas, agendamentos, enfim, com todas as informações importantes para providenciar e organizar a viagem.

Diante disso, foi possível constatar que os estudantes consideraram que algumas etapas que antecedem a viagem não estão claras. Há dificuldade em saber quais taxas são necessárias para a viagem, como fazer a inscrição em disciplinas na instituição estrangeira, entre outros procedimentos.

Em virtude do que foi mencionado, o projeto elaborou como solução um fluxograma (Anexo I) e um manual contendo os procedimentos necessários, desde o processo seletivo até a viagem. No mesmo constam, de forma simplificada, as etapas que os estudantes precisam realizar e as informações das instituições envolvidas no processo. Ele pode ser lido, na íntegra, no projeto final em Administração Industrial 2009/2 com o

título **Gestão do Conhecimento e Internacionalização do Ensino**, presente no Departamento do Curso de Graduação de Administração Industrial do. CEFET/RJ, assim como na biblioteca da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão do conhecimento tem sido ponto comum de discussão entre acadêmicos e sua importância é reforçada em salas de aula de universidades brasileiras. O mundo corporativo vem adotando essa prática, pois percebe a necessidade de gerir, armazenar, compartilhar e disseminar o conhecimento em todos os níveis da organização, criando assim vantagem competitiva diante do mercado.

O curso de Administração Industrial do CEFET/RJ não poderia usar de prática diferente e se utiliza de alguns instrumentos e rotinas para fazer a gestão do conhecimento junto a seus alunos e professores. Um deles é a internacionalização do ensino.

Com a internacionalização do ensino é possível haver interações de diferentes países, pessoas, processos, modelos mentais e culturas, fazendo com que indivíduos e organizações adotem as melhores práticas em determinadas situações. A internacionalização do ensino gera ainda um crescimento intelectual de ambas as partes, já que a troca de conhecimento traz acréscimo desse bem intangível nas pessoas envolvidas.

Uma das formas de adotar tal prática no CEFET/RJ é o intercâmbio com instituições estrangeiras, facilitadas por intermédio da DCCIT. No curso de Administração Industrial, o programa é feito com o Voorhees College – South Carolina – USA, que evidencia a gestão do conhecimento e a retroalimentação de processos.

A presente pesquisa mostrou que a inter-relação entre as instituições facilita a troca de conhecimento e proporciona um maior desenvolvimento das universidades conveniadas, pois, através das diferentes práticas de ensino, é possível o seu aprimoramento.

As experiências e os aprendizados obtidos através dessa iniciativa permitem que os organizadores do próximo programa tenham subsídios suficientes para colocar em prática a gestão do conhecimento. Entre estes, o perfil da equipe que deve se envolver nas questões relacionadas ao compromisso das universidades conveniadas, bem como a escolha das melhores práticas para o processo.

As principais diferenças destacadas pelos entrevistados foram: a vivência no ambiente acadêmico em período integral, a consequente dedicação em

tempo integral às disciplinas cursadas, o incentivo ao esporte e a promoção de atividades extracurriculares. A estada na instituição estrangeira mostrou outra realidade de vida para os alunos e essa troca foi considerada como muito positiva.

Como oportunidade de melhoria, os estudantes citaram que uma fonte de consulta deveria ser criada a fim de documentar todas as etapas que devem ser executadas pelos alunos selecionados para o intercâmbio, pois como as mesmas não estavam claras, foram geradas muitas preocupações e desgastes. Percebeu-se, então, a necessidade de estabelecer um fluxograma para mapear todas as etapas e, como consequência, criar uma cartilha com o objetivo de explicitar os procedimentos a serem realizados por todos os envolvidos.

Pôde-se observar que, com o passar das edições, o programa foi-se aprimorando e algumas dificuldades citadas pelos primeiros participantes não foram pelos últimos alunos que participaram do intercâmbio, como, por exemplo, a falta de um orientador na instituição estrangeira para esclarecer as possíveis dúvidas. Porém, a dificuldade em identificar as taxas a serem pagas e o local onde devem ser pagas foram citados como uma barreira pelos participantes de todas as edições.

Diante desse cenário, a pesquisa propôs a criação de um manual a fim de guiar os estudantes em todo o processo de intercâmbio, deixando os procedimentos claros. Além disso, com a pesquisa foi possível realizar um levantamento sobre a experiência do curso de Administração Industrial do CEFET/RJ nesse programa.

Com o estudo do projeto de intercâmbio CAPES/FIPSE, especificamente, foi possível comprovar que a gestão do conhecimento pode ser realizada por meio da internacionalização do ensino. Com isso, a sociedade gera mais conhecimento. Logo, percebe-se a necessidade do apoio do governo à expansão dos programas de intercâmbio, com parcerias estreitando as relações entre universidades.

Sugere-se que pesquisas futuras sejam encaminhadas com o objetivo de utilizar e/ou aprimorar o produto deste projeto – o manual – em outros projetos de intercâmbio dentro do CEFET/RJ ou, ainda, em outras universidades brasileiras cadastradas no programa CAPES/FIPSE. O desenvolvimento de novas cartilhas servirá tanto à utilização da gestão do conhecimento quanto aos processos de intercâmbio internacional.

Nota

1. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Fund for the Improvement of Post Secondary Education (Fipse) do Departamento de Educação dos Estados Unidos.

Referências bibliográficas

- BARTELL, M. *Internationalization of universities: A university culture-based framework. Higher Education*. Manitoba, Winnipeg, 2003, p.37-52.
- BRETON, G. *et al. Universities and Globalization: private link-ages, public trust*. Paris: junho de 2003.
- CONTADOR, J. C. *Gestão de operações*. São Paulo: Editora Blucher, 2004.
- DRUCKER, P. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1995.
- KNIGHT, J., WIT, H. de (Eds.) *Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries*. Amsterdam: Asociación Europea para Educación Internacional, 1997.
- LAUS, Sonia Pereira, MOROSINI, Marília Costa. Internacionalización de la Educación Superior en Brasil. *In: Educación Superior en América Latina: la dimensión internacional*. Bogotá, Banco Mundial, 2006.
- PIERCE, J. E NEWSTROM, J. *A estante do administrador*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2002.
- SENGER, Peter. *A quinta disciplina*. Editora Best Seller. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em 03/04/2009.

Dados dos autores

Delana Galdino de Oliveira (delanaoliveira@gmail.com), **Priscilla Lopes de Albuquerque** (lpriscilla@hotmail.com) e **Waleska Barbosa Chaves** (waleskachaves@yahoo.com.br) são graduadas em Administração Industrial pelo CEFET/RJ e participaram do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

Elizabeth Freitas Rodrigues (efreitass@uol.com.br), professora do curso de Administração Industrial do CEFET/RJ, é doutoranda em Engenharia de Produção da PUC-Rio e mestre em Gestão Tecnológica pelo CEFET/RJ.

